



Crianças correm em acampamento perto da Rodoferroviária, no Cruzeiro. Todos os dias, jovens e velhos chegam de todas as partes. Criam colônias, engrossam invasões. Muitos vivem de esmolas

DA UTOPIA À EXCLUSÃO

Cristine Gentil e Philio Terzakis
Da equipe do Correio

O corpo abriga o cansaço, mas a esperança permanece nos olhos de José Afrânio de Souza, 42 anos. As mesmas sensações do primeiro dia deste ano, quando finalmente chegou ao Distrito Federal, depois de vencer a pé 1.100 quilômetros de estrada.

Três meses de andança e sofrimento no percurso de 1.500 quilômetros que separa São Luiz do Quitunde, no interior de Alagoas, de Brasília. Veio com a mulher, dois filhos e dois cunhados. Passaram o Natal na beira da estrada. O Ano Novo, na carroceria de uma camionete — primeira e última carona do caminho.

Chegaram há um mês e ficaram ali, debaixo da Ponte do Bragueto (que dá acesso ao Lago Norte), dormindo ao sereno e comendo de favor. "Pobre sofre mesmo", resigna-se José. Continuam lá, vivendo da generosidade alheia.

José Afrânio não é único. A mesma história se repete todos os dias. É a saga de uma população que já se incorporou ao cotidiano da cidade: os migrantes. Eles vêm de longe, principalmente do Nordeste, em busca de comida, trabalho, moradia, saúde, educação e até de parentes perdidos.

INCERTEZA

Os altos índices de desemprego e o fim da *farra dos lotes* (distribuição descontrolada de 90 mil terrenos durante o governo Roriz) anunciado pelo governo Cristovam Buarque não foram suficientes para extinguir a atração que a capital exerce entre os brasileiros. A migração continua, mas ninguém sabe



José Afrânio e os filhos: 1.100 quilômetros a pé, de Alagoas a Brasília

ao certo a quantidade de migrantes recentes, que chegaram a partir de 1995, no início do atual governo.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Secretaria da Criança e Assistência Social (Secras) são contraditórios. Enquanto as estatísticas do IBGE mostram que a migração aumentou nos últimos cinco anos, a Secras aponta uma queda no mesmo período de tempo.

Segundo pesquisa feita pelo IBGE, 14 mil pessoas migraram para Brasília em 1996. Em 1991, eram 11 mil. A maioria de baixa renda.

No entanto, de acordo com a secretaria, no ano passado, 4.557 migrantes, que estavam no Distrito Federal há, no máximo, seis meses, foram registrados pela Secras. Em 1991, foram atendidas 7.547 pessoas no Centro de Apoio Social, o albergue do governo em Taguatinga.

"A causa da queda dos números é

o fim da *farra dos lotes*, a distribuição de terras que aconteceu no governo Roriz", acredita a gerente de Assistência Social da Secras, Margareth Nicolau Alves da Costa, a procura pelos lotes tem diminuído.

LIMITAÇÃO

Na verdade, esses números são bem maiores. Enquanto o levantamento feito pelo IBGE inclui apenas os migrantes com domicílio, o governo limita-se a registrar os que são atendidos pelos assistentes sociais. Fica de fora boa parte da população de rua, que se espalha pelas cidades do Distrito Federal, debaixo de pontes, lonas de plástico e tábuas velhas.

Esses são os excluídos dos excluídos, que vivem de catar lixo, vender papel e pedir esmolas. Os lugares preferidos são invasões no Plano Piloto, Sobradinho, Núcleo Bandeirante, Cruzeiro, Gama e Riacho Fundo.

É o que observam os sociólogos da

Universidade de Brasília (UnB) Carlos Henrique Araújo e Marcel Bursztyn, que lançarão em março deste ano um livro sobre a população de rua do Distrito Federal. "Eles são os que sonham em ser pobres e morar em uma favela", observa Bursztyn.

Uns se estabelecem por aqui. Outros voltam para casa e, depois, retornam para Brasília. Muitos fazem esse percurso várias vezes e vêm apenas para comer, escapar da seca e ganhar algum dinheiro. "Deixam de ser migrantes para se tornar perambulantes", afirma Araújo.

SOLIDARIEDADE

Independentemente dos números, os migrantes incomodam. A quantidade de gente que vem de fora é suficiente para elevar as taxas de desemprego e aumentar as filas em frente a centros de saúde e hospitais. Sem falar no ato de pedir esmolas, que irrita muita gente. Segundo Margareth, fome, desemprego e doença são os principais motivos que os trazem para cá.

"Aqui não falta café da manhã, almoço, janta e ceia. O povo daqui é bom, não deixa faltar nada", confirma o alagoano José Afrânio. "A única coisa que a gente não aguenta é a fome. Lá em Alagoas, meus filhos só comiam um ovo com farinha por dia, dona", completa.

Além de comida, eles querem saúde. No ano passado, 45% dos pacientes atendidos no ambulatório, na emergência e internados no Hospital de Base de Brasília (HBB) eram de fora. Vieram principalmente de Goiás, Minas Gerais e Bahia. Esse número pode ser ainda maior. Os médicos

QUEM SÃO ELES

- 79% vêm do Nordeste
- 87% vêm de carona ou a pé
- 74% trazem dependentes
- 66% dos chefes de família têm até 35 anos
- 88% dos chefes de família têm 1º grau incompleto

Fonte: *Da utopia à exclusão: vivendo nas ruas de Brasília*, dos sociólogos Carlos Henrique Araújo e Marcel Bursztyn

desconfiam que muitos pacientes mentem sobre o verdadeiro endereço, com medo de não serem atendidos.

Pouco qualificados, os recém-chegados encontram dificuldades em se empregar. Segundo Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), eles representam 10,8% do total de 124 mil desempregados. Esse percentual já foi maior. Em 1995, dos 129,9 mil desempregados, 12,7% eram pessoas de outros estados do país.

"A quantidade de desempregados é grande porque, historicamente, Brasília sempre teve altas taxas de migração", explica o gerente de Estudos e Pesquisas da Secretaria do Trabalho, Mário Magalhães.

Famintos e desempregados, os migrantes vagam pelas cidades do Distrito Federal. "Eles sonham com o futuro. E o futuro deles é a próxima refeição", resume Marcel Bursztyn.